

Robert Willecke

escritxs

escritos

escritxs

escritas

escritxs

escritos

v

escritxs

escritas

ROBERT WILLECKE

ESCRITXS CRIATIVXS

Contos

Poesia

Este volume reúne textos produzidos pelo autor ou, quando indicado, em coautoria, para a disciplina Escrita Criativa, do curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina, durante o segundo semestre de 2015, sob a orientação do Prof. Dr. Márcio Markendorf.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO..... | 8 |
| CONTOS..... | 9 |
| OUROBOROS..... | 10 |
| CELEBRIDADE..... | 14 |
| A FICHA CAIU..... | 17 |
| SANTA MARGARIDA DE CORTONA..... | 24 |
| POR MINHA MENINA..... | 30 |
| CASA AO CREPÚSCULO, 1935..... | 34 |
| DIÁLOGO?..... | 42 |
| A MALDIÇÃO..... | 45 |
| POESIA..... | 49 |
| O FUNDO DO MAR..... | 50 |
| O CEMITÉRIO..... | 52 |

APRESENTAÇÃO

Este volume reúne textos produzidos pelo autor ou, quando indicado, em coautoria, para a disciplina Escrita Criativa, do curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina, durante o segundo semestre de 2015, sob a essencial orientação do Prof. Dr. Márcio Markendorf. A organização segue a cronologia de produção.

Os contos foram produzidos a partir de temas propostos em aula: um medo infantil, um ponto de vista reverso, a década de 1980, um segredo, a violência, uma inspiração pictórica, um diálogo e o fantástico combinado com sexo.

Os textos poéticos são frutos de criação coletiva em sala de aula. A partir da inspiração de um cenário imagético, os alunos escreveram versos individualmente. Em seguida, coletivamente, os versos foram compartilhados e articulados de modo a chegar a um poema completo.

A seleção buscou privilegiar os textos com maior grau de sofisticação estrutural, densidade narrativa e expressividade.

Boa leitura!

CONTOS

OUROBOROS

Sentiu que algo lhe ferira o calcanhar esquerdo.

A dor aguda e intensa causava a sensação de um garrote perfurando a pele, rompendo o tendão e rasgando a cartilagem. Num instante, a corrente lancinante percorreu a extremidade do corpo até o centro de dor no cérebro e se transformou em latejamento. Mas não virou os olhos em busca da origem da dor, porque o acontecimento, embora súbito, não lhe era inesperado. Apenas a consumação de uma sentença decretada desde os primórdios. Fazia tempo que sabia disso e esperava pelo momento inevitável, mas que tentara adiar ao máximo.

Convivera com esse terror desde a infância. Começou quando tinha três anos de idade, no dia de Páscoa. Sua mãe descobriu, embaixo da cama, os frutos da eclosão de sete ovos que, dias antes, encontrara ao brincar no quintal e depois guardara cuidadosamente em uma caixa. O grito de terror materno instaurou em seu íntimo uma sensação de pânico que se tornou indelével em sua memória

emocional.

A descoberta de que inocentes ovos, como se fora de passarinhos, poderiam incubar seres mortíferos criou em sua mente a abjeção e a fobia que levaria por toda a vida. Esse terror era recorrentemente alimentado pelas histórias de uma tia, que contava sobre crianças atraídas por cantos de pássaros e que tornavam-se, por fim, vítimas de presas terríveis, encontrando morte horrível, repleta de agonia e dor. Essa advertência funesta lhe abriu a perspectiva irreversível das ameaças que a vida lhe destinava.

Pesadelos horripilantes passaram a povoar suas noites: ora sofria o ataque sorrateiro daquelas criaturas insidiosas, ora caía em cavernas escuras repletas de centenas de pequenos pares de olhos que se movimentavam ao seu redor em aterrorizante silêncio.

Durante os dias, vivia em sobressalto. Nas brincadeiras infantis, recusava-se a rastejar pelo chão. Temia percorrer trilhas sinuosas, seguir caminhos entre entulhos, aproximar-se de nichos sombrios.

Depois de conviver com o terror por toda a infância e adolescência, a juventude lhe trouxe alguma racionalidade. Diante dos riscos que vislumbrava, passou a combater o medo com o conhecimento. Buscava informações, estudava

compêndios, consultava especialistas. Ingressou na academia, tornou-se cientista. Passou a realizar pesquisas e experiências com animais vivos. A certa altura da vida tornou-se *expert* de renome, com reconhecimento internacional.

Descansava naquela manhã de domingo, após extenuante jornada de seis dias em conferências acadêmicas, quando recebeu um telefonema da universidade. Um grupo de ativistas de direitos dos animais havia invadido seu laboratório e destruído parte das instalações. Sua presença era imprescindível para tentar resgatar os experimentos essenciais e minimizar o prejuízo às pesquisas. Sem demora, dirigiu-se ao *campus*.

Entrou no laboratório e começou a percorrer os corredores entre as estufas danificadas. Os ativistas haviam levado a maioria dos espécimes, o que comprometeria irremediavelmente as pesquisas mais avançadas. Ao passar em frente a uma estufa aberta, viu alguns ovos abandonados. Contou-os: eram sete. Ao terminar a contagem, imediatamente voltaram-lhe aquelas memórias adormecidas de sua primeira infância: os ovos no quintal, a caixa embaixo da cama, o grito desesperado de sua mãe. Sobressaltado, mas com cuidado, pegou um dos pequenos ovos e o observou contra a luz. Através da casca translúcida, podia observar o ser em fase

final de formação, prestes a romper a membrana fina. Naquele momento, uma dor repentina no calcanhar o fez tremer e deixar cair o frágil ovo, que foi se romper no impacto com o piso.

Então, teve a plena compreensão do que intuía havia muitos anos: as presas cravadas em seu calcanhar realizavam o desígnio do Gênesis. Agora, além da dor, sentia o formigamento no pé. Mantinha os olhos abertos com dificuldade, a visão começava a se turvar. As dores tomavam conta de todo o corpo. Suava, sentindo as gotas escorrerem pela face e sob as roupas.

Em seu derradeiro átimo de consciência, lembrou mais uma vez das sete víboras encontradas pela mãe na caixa sob sua cama de criança.

De repente, ouviu a voz inaudita, quase um sussurro: “Sou a serpente primeva, cumprindo minha maldição”.

E em seu esforço final, de um golpe, feriu a cabeça da cobra.

CELEBRIDADE

Quinhentos anos não é uma eternidade, mas o cansaço começa a me vencer. O pior é que não vejo chance de a coisa melhorar. Tento ignorar essas quase quinze mil pessoas que passam por aqui todos os dias, menos às terças-feiras, no Natal e no Ano Novo. Se soubessem que não suporto esse assédio... Em vez de ficar sorrindo interminavelmente, gostaria era de dar-lhes uma cusparada.

Infeliz o dia em que parti rumo à França, para viver uma promessa de luxo e esplendor. Depois de passar por décadas e décadas em palácios, vim parar neste cárcere privado, ainda que sob todos os cuidados. Certamente estaria mais feliz em Florença, envelhecendo dignamente num velho sótão empoeirado, em vez de aqui, à disposição dos olhares do mundo. Aliás, parece que quase todo o mundo resolveu passar pessoalmente por aqui. E a quantidade de chineses é algo assombroso!

Nunca tive vocação para celebridade, é algo que contraria minha natureza circumspecta.

Confesso que no início até foi algo lisonjeiro. Afinal, falam muito, mas jamais considere minha beleza grande coisa. Não gosto das feições de meu rosto, que me deixam com um ar de impavidez. Estas quase-bochechas me incomodam. E acho que meu cabelo escorrido poderia ter um penteado um pouco mais ousado.

O tempo também não foi tão generoso comigo. Nas outras alas há muitos que estão bem mais conservados do que eu. Mas acabei por descobrir que a fama pode ser um grande infortúnio e causar danos psicológicos irreversíveis. Não fosse a absoluta impossibilidade, acho que já teria me suicidado, para não ter que continuar vivendo este inferno.

O fato é que me tornei muito maior do que sou. Soube que minha imagem é replicada infinitamente mundo afora. Primeiro era só em enciclopédias e livros de arte. Depois vieram os surrealistas, os artistas pop e os fabricantes de camisetas baratas, chaveiros e canecas. Hoje estou na internet, sob toda forma de manipulação, releitura e reapropriação artística. Sou a melhor representação do fim do mito romântico da criação original, a expressão mais completa da reprodutibilidade técnica da obra de arte. Acho que as pessoas vêm me ver aqui em busca de um resqúcio de originalidade que elas mesmas já não

têm, uma aura que se perdeu.

De volta ao meu ambiente cotidiano, mesmo querendo ignorar todo esse povo, às vezes dou uma espiada. Na confusão, da maioria só consigo ver as cabeças, que é o que mais interessa. No meio dessa gente acotovelada na sala, vejo muitas caras de frustração. Acho que, no final das contas, se decepcionam comigo.

Mantenho meu olhar fixo, exibindo meu melhor sorriso e observo alguém na multidão. Um velho com um turbante na cabeça e uma mancha de tinta na testa tem mais dificuldade em me observar do que eu a ele. Uma mulher de cabelo crespo tenta se aproximar para me ver de perto, espremendo-se e empurrando os outros visitantes. Deixou para trás o marido cético, que, de cara amarrada, parece não ter se animado a enfrentar a turba para ter uma intimidade maior com a celebridade.

A tarde caiu lá fora, o fluxo de pessoas diminuiu. Daqui a pouco não haverá mais ninguém. Ainda ouço uma voz dizer: “Então a Mona Lisa é isso”?

O vigilante faz a última ronda do dia e agora terei direito a algumas horas de esquecimento.

As luzes foram desligadas. Espero que essa escuridão dure para sempre.

A FICHA CAIU

Era domingo. Acordei tarde, de ressaca da festa da véspera. Sentado na cama, olhei em volta, a quitinete toda revirada. Garrafas vazias, restos de comida, cinzeiro cheio, elpês espalhados pelo chão. Caetano no canto, Milton próximo ao sofá e Gil de ponta-cabeça, cada qual em sua capa, me encaravam impávidos.

A tevê colorida Toshiba, modelo *Blackstripe*, estava sintonizada em algum canal fora do ar. No toca-discos, o *single* “Save a prayer” girava em falso sem que o braço do aparelho retornasse à posição de repouso. Na prateleira acima do aparelho de som, as fitas cassetes estavam fora das caixinhas. Uma delas, a do álbum *Like a Virgin*, estava totalmente desenrolada: Madonna tinha virado serpentina, pendurada na luminária. Achei estranho que ninguém tivesse ficado depois da festa, estirado sobre o sofá.

Ainda com sono, levantei da cama e desliguei o toca-discos e a tevê. Fui até o banheiro e tomei o flaconete de Epocler que encontrei no armário, mesmo que não fosse adiantar muito.

Depois, apertei o tubo amarelo de Kolynos na escova e friccionei os dentes para melhorar o hálito. Andei até a geladeira e peguei a jarra de água. Procurei por um copo limpo, mas não achei. Com sede, emborquei o recipiente na boca e bebi todo o líquido. Enchi o jarra na torneira e recoloquei na geladeira.

Então vi o bilhete em cima da mesa. “Ligue até meio-dia”, estava escrito, com um número de telefone, seguido de “ÚLTIMA POSSIBILIDADE!”. Nada mais. Não havia nome. Não reconheci o número. A letra, escrita de forma apressada, não me era familiar. Como detalhe, o papel tinha uma marca d'água da Hello Kitty, que também não dizia nada. E só.

Tentei entender a mensagem no pequeno pedaço de papel. Eu me esforçava em conectar aquelas palavras com alguma outra informação na memória, mas minha cabeça pesava. E não conseguia imaginar quem poderia ter escrito o bilhete. O Joel, que ia me arranjar o contato da banda de rock que precisava de baterista? Não, ele estava na casa da avó em Araraquara. Ou a Rita? Só que ela não queria saber da minha cara e uma vez tinha dito que odiava a Hello Kitty. Quem mais? ...

No meu pulso, o mostrador do relógio digital Casio indicava: onze e vinte e três. Faltava

pouco para o meio-dia. Então entendi que a advertência final do bilhete dava àquele horário um *status* de prazo fatal, mesmo sem eu saber do que se tratava. E me pareceu ser mais fácil telefonar e descobrir quem escrevera o bilhete do que continuar tentando adivinhar. Afinal, podia ser algo importante, talvez até de vida ou morte.

Vesti rapidamente as mesmas roupas da noite anterior, amarrotadas: calça jeans de cintura alta, camisa larga colorida, *blazer* e mocassins. Ajeitei a ombreira esquerda do *blazer*, que estava descosturando e deixava um ombro mais caído do que o outro. Parei na frente do espelho. Olhei para o lado e notei um rasgo no pôster de *Blade Runner*, que tinha conseguido com o porteiro do Belas Artes. Isso me deixou puto. Sem tempo, desisti de acertar meu o cabelo oleoso, que, mesmo penteado, ficou com umas ondulações estranhas.

Eu não conhecia ninguém no prédio ou na vizinhança que tivesse telefone em casa. Por isso, precisaria ligar de um telefone público. Já estava na porta quando lembrei: “Cadê a ficha?”. Precisaria de uma, pelo menos. Dei meia-volta e comecei a procurar.

Olhei primeiro na caneca de moedas na prateleira perto da mesa. Cheia de cruzados que compravam cada dia menos, tinha até algumas de cruzeiros já sem qualquer valor. Mas nenhuma

ficha telefônica. De qualquer modo, catei umas moedas e guardei na carteira.

Abri o guarda-roupa e comecei a revirar os bolsos das calças e da jaqueta de couro. Achei mais algumas moedinhas e nada da ficha. Desisti de procurar e resolvi ir até a banca de jornais para comprar uma. Onze e trinta e seis no visor do relógio.

Tranquei a porta e desci aos saltos os seis lances de escada. Percorri a quadra até a banca da esquina. Na lateral do quiosque, as manchetes destacavam algum trambique da Nova República e a inusitada vitória eleitoral, em Fortaleza, de um dos novos partidos políticos criados com a redemocratização.

Pedi uma ficha de telefone ao jornaleiro. Ele me olhou como se já estivesse há minha espera. “Você quer a ficha para o telefone vermelho ou para o azul?”, perguntou. Peguei o bilhete para confirmar o número. A ligação seria local, pedi para o vermelho. Na verdade, eu nem tinha escolha. Não tinha dinheiro para pagar por uma ficha de telefone azul, de interurbanos, que era mais cara. “Tem certeza? Se você quiser a outra ficha, eu faço pelo mesmo preço”, disse o jornaleiro. “Não, estou certo de que vou usar o telefone vermelho”, respondi, e paguei com as moedas que tinha pegado na caneca.

Por sorte, havia um orelhão desocupado ao lado da banca. Entrei embaixo da cúpula de fibra alaranjada e tirei o fone do gancho. Estava mudo. Inseri a ficha na ranhura e ouvi-a deslizando pelos condutos internos da grande caixa metálica vermelha. Disquei os primeiros números: cinco, sete, um ... O disco ia e voltava, mas o fone continuava sem emitir qualquer som. Ouvi o jornaleiro gritar: “Tá funcionando, não!”. “Merda!!!”, xinguei, enquanto recolocava o fone no gancho. O mecanismo interno emitiu um estalido e a ficha seguiu pelas entranhas do aparelho até chegar ao compartimento de devolução, onde a peguei de volta.

Olhei para o relógio: onze e quarenta e quatro. O jornaleiro disse que só havia outro orelhão na praça a quinhentos metros dali, que eu precisava me apressar para telefonar até o meio-dia. Agradei pela informação e novamente saí correndo. Já tinha andado uns trezentos metros e estava passando em frente a um fliperama, quando o tilintar das máquinas me fez pensar que eu não havia falado nada ao jornaleiro sobre a ligação que ia fazer. Como ele sabia do horário?

A praça estava movimentada, como sempre. Na verdade, lá havia dois orelhões, geralmente com longas filas. Felizmente, naquele dia pouca gente estava na espera. Fiquei no que tinha a fila menor,

com apenas duas pessoas esperando. Ofegante, olhei o relógio: onze e cinquenta e três.

O cara que falava logo terminou a ligação. O velho atrás dele começou a discar, mas não conseguia acertar o número e pediu ajuda para a mulher na minha frente. Finalmente a ligação completou e ele começou uma conversa banal, sem qualquer sinal de pressa. Ansioso, perguntei à mulher da frente se ela ia demorar. Ela disse que era “fiscal do Sarney” e tinha uma denúncia pra comunicar à SUNAB, mas que a ligação seria rápida.

Minha mão tensa apertava a ficha redonda com força e eu sentia a dor da pele pressionada contra as bordas. O velho falou até acabarem os três minutos garantidos pela ficha dele. Foi embora resmungando alguma coisa sobre a aposentadoria. A mulher discou e terminou a ligação em menos de dois minutos. O Casio marcava onze e cinquenta e nove.

Peguei o fone e ouvi o sinal de linha. Empurrei a ficha para dentro da ranhura, que a engoliu sem ruído. Disquei os sete números anotados no papel com a figura da Hello Kitty. Aguardei o tom de chamada se repetir por três vezes.

A conexão foi completada. Num instante, antes de eu falar, o aparelho me abduziu.

A ficha caiu. O fone ficou pendurado pelo fio.

SANTA MARGARIDA DE CORTONA

Ela sempre soube que aquele dia doloroso chegaria. Só não imaginou que sentiria uma opressão tão grande. Prestes a completar quarenta anos, sozinha no quarto, desorientada, procurava nas memórias que tinha da mãe algum gesto, palavra, olhar ou atitude que pudesse indicar seu próximo passo, como fizera tantas vezes ao longo da vida. Lembrou-se então de como a mãe, profundamente religiosa e sempre muito rígida quanto à moral, não admitia desvios de conduta. Era severa, mas incondicionalmente carinhosa, tanto com ela quanto com ... Pedro! Claro, sua primeira providência teria que ser avisá-lo.

Foi até a sala do apartamento e pegou o celular na bolsa. Sabia que era o que tinha que ser feito, mas hesitava. A dor que sentia a imobilizava. Parecia ter um obstáculo intransponível pela frente e que a voz lhe faltaria. Mas passava da meia-noite, não podia mais esperar. Com esforço, digitou o número de Pedro e ouviu o som de chamada.

*

Despertou do sono profundo, com o toque insistente. Apalpou a mesinha ao lado da cama em busca do *smartphone*. Tentou imaginar quem ligaria àquela hora. Sonolento, vislumbrou na telinha iluminada a foto da irmã. “Oi, Sônia”, balbuciou. Não houve resposta. Só ouviu uma respiração e um soluço. Mais desperto, insistiu: “Alô! Sônia? Está tudo bem?”. O silêncio persistiu durante um longo instante. “Aconteceu algo com nossa mãe?”, perguntou ansioso, com um mau presságio. Então ouviu a voz da irmã: “Ela morreu há duas horas”. O silêncio se renovou. “Não consigo falar ... Venha agora para cá!”. E a ligação foi finalizada. O impacto da notícia o despertou definitivamente.

*

Embarcou no ônibus que saiu do terminal rodoviário às três horas da madrugada. A viagem rumo ao interior levaria ao menos quatro horas. Depois do apelo angustiante de Sônia, havia tomado um banho rápido, se vestido, guardado algumas roupas e itens de higiene na mochila e chamado um táxi. Estava atordoado, menos com a esperada morte da mãe do que com a maneira tensa com que a irmã lhe falara. Mentalmente, tentava recapitular cada palavra, cada som e cada

silêncio daqueles trinta segundos de conversa pelo celular. Podia sentir a irmã como que sufocada pelo peso incomensurável de algo que ele ainda desconhecia.

Cortando a noite, o ônibus seguia caminho pela estrada. Insone, Pedro não conseguia deixar de pensar na morte da mãe e como isso se abateria sobre o que restara da família: apenas ele e Sônia. O pai, que nunca chegou a ver, suicidara-se por asfixia enquanto Pedro respirava pela primeira vez na vida. Os propósitos e dramas pessoais daquele homem lhe eram totalmente desconhecidos e dele tinha na memória apenas a imagem de uma velha foto de família. Tirada poucos dias antes de sua morte, mostrava o pai alto, forte e rígido, mas com um olhar amargo e perdido. A mãe, com um profundo desgosto, sempre se recusou a falar do assunto. Apenas Sônia lhe dissera, uma única vez, que o infeliz não suportara a ideia de conviver com um câncer fulminante que lhe consumia o cérebro. Uma história que sempre deixou muitas dúvidas na cabeça de Pedro.

Ao longo da viagem, ressurgiam suas lembranças mais antigas, dos dias difíceis da infância, a mãe trabalhando fora, ele sempre sob os cuidados da irmã adolescente. Filho temporão, nascera quando a mãe já tinha quase quarenta anos de idade. Ela costumava dizer que o menino viera

ao mundo inesperada e tardiamente, mas que também por isso tivera o privilégio de ter duas mulheres para cuidá-lo. E que, quando ela se fosse, Sônia continuaria presente. Pedro sempre se sentiu amado por ambas, um amor dobrado, tão forte que chegava a tomar a forma de uma estranha disputa entre mãe e filha. Recordava de Sônia lhe dedicando uma atenção que concorria com a da própria mãe.

O ônibus fez uma parada de vinte minutos. Pedro desceu para esticar as pernas e fumar. Observou uma mulher jovem sentada num banco e lembrou de Sônia com aquela idade. Ele já era adolescente e, um dia, viu a irmã triste, depois que ela brigara com um namorado com quem saía às escondidas da mãe. Na manhã seguinte, decidida, ela comunicou à mãe que recebera uma oferta de emprego em outra cidade. Rebateu todos os questionamentos da mãe. Ficaria por lá por algum tempo e mandaria dinheiro todos os meses para ajudar nas contas da casa. Pedro guardou em sua memória a dor sentida quando ela tomou um ônibus, que se prolongou com a falta do convívio diário e do afeto que ela lhe tinha. Pela ausência, vivenciou toda a intensidade de seu vínculo com a irmã.

Pedro subiu novamente no ônibus que ia seguir viagem, lembrando que Sônia, da cidade

distante, telefonava todos os domingos. Falava primeiro com a mãe, depois com ele. Perguntava das coisas, da escola, dos amigos, sempre com a voz embargada. Dizia que estava trabalhando em uma casa de família, que morava com uma amiga, mas que voltaria depois de juntar algum dinheiro. Meses depois, voltou para casa sem aviso. Pedro lembrou de que ela parecia estar ainda mais triste do que quando partira. Durante semanas, era comum encontrá-la no quarto, chorando baixinho, apertando a medalhinha de Santa Margarida de Cortona, que nunca tirava. Dizia que era pela amiga com quem morara, que tinha perdido uma filha ainda bebê. Pedro sentia que aquela era uma tristeza funda que o contagiava irremediavelmente.

O sol começava a raiar na estrada. Pedro reconhecia a paisagem da região que deixara havia três anos, quando fora estudar na Capital. Recordou os dias em que se preparava para a viagem, as recomendações da mãe, os cuidados da irmã na preparação de sua bagagem, a ansiedade contida de ambas, temerosas de perderem seu menino mais querido. No dia da partida, Sônia abraçou Pedro fortemente. Prendeu no pescoço dele a medalhinha que sempre usava. E disse: “Ela é minha protetora e vai te proteger também.” Desde então, Pedro nunca mais a tirara.

O ônibus chegava a sua cidade natal. Ao

lembrar da medalha, Pedro levou a mão ao pescoço. E então lhe veio a pergunta que nunca tinha se feito antes: “Que santa é essa, afinal?”. A curiosidade o fez pegar o *smartphone* para pesquisar. Digitou no buscador: *santa margarida cortona*. A tela apresentou imagens e *links* com o resultado da pesquisa. Pedro selecionou uma enciclopédia *on line*. E leu a história da adolescente italiana que teve um filho de um nobre.

Quando o ônibus chegou à parada final, o sol iluminava a cidade. Pedro percebia, enfim, o peso que sufocava Sônia.

POR MINHA MENINA

Tudo funcionou exatamente como eu tinha planejado. Só falta o detalhe final: ele precisa saber o porquê disso tudo. Vou esperar esse filho da puta acordar. Então, ele vai ver meu rosto. E vai fazer uma careta de espanto. E vai entender, enfim. Que não podia ter machucado minha menina. Que não podia tê-la feito infeliz. Que não podia ter subornado a polícia. Que não podia ter ludibriado a justiça. Que não podia ficar impune. Que o dia dele chegaria. E que o dia chegou.

Esse corpo mole, balofo, ainda vai demorar pra acordar. Melhor seria que nem acordasse, mas isso seria bom demais para ele. Ficaria sem sofrer tanto quanto fez minha menina sofrer.

Ainda não sei bem por onde vou começar. Preciso evitar derramar muito sangue. Não gosto de sujeira. O que será que sangra menos: a orelha, o nariz ou o saco? Quem sabe um dedo do pé ... Bem, talvez não precise disso. Vou esperar esse filho da puta acordar.

Li a história de uma mãe que descobriu que a filha transava com o padastro e se matou com

uma seringa cheia de ar. Quanto tempo será que levaria pra ele morrer desse jeito? Acho que o sofrimento seria pouco. Além disso, eu não trouxe seringa e agora não dá mais pra ir atrás de uma. Mas é uma boa história pra assustar esse filho da puta quando ele acordar. É tudo pela minha menina.

Ainda vai demorar. Pelo menos consigo descansar um pouco. Ontem levei quase três horas pra cavar esse buraco. A terra é mais dura do que eu pensava e o corpo dele é grande. Também já deixei tudo pronto pra misturar a argamassa. Depois, é só rolar o filho da puta pra dentro do buraco, cobrir com a terra e fazer a laje de concreto. Acho que vai levar uns dois dias pra secar. E se eu deixar um tubinho de ar pra ele respirar e sofrer por mais tempo? Até tem um pedaço de cano ali no canto, no tamanho certo... Vou resolver quando ele acordar.

Eu sempre soube que este dia ia chegar. Desde que minha menina se foi, essa ideia não saiu da minha cabeça. Mas agora isso vai terminar e vou ter um pouco de sossego. Tive que largar o emprego, os amigos se afastaram, família já não tinha mesmo, era só minha menina. Não é fácil armar uma arapuca pra alguém, ainda mais pra um filho da puta como esse, gente influente. Tive que pensar tudo direitinho pra não ter chance de dar

algo errado. Vou dizer pra ele quando acordar.

Faço isso tudo pela minha menina. Mas ela não ia gostar. Era muito sensível, não aguentava qualquer tipo de violência. Que foi só o que esse filho da puta fez com ela: sequestrou, abusou, machucou e depois largou numa rua deserta, com um maço de dinheiro na mão. E o pior, matou a alegria dela. E a falta de alegria fez ela morrer também. Mas ele vai saber disso quando acordar.

Peixe morre pela boca... Fisguei ele como ele fisgou minha menina, na rede social. Encontrei no computador tudo que ela tinha conversado com ele. E escrevi pra ele como minha menina escrevia. Deixei ele beliscar à vontade, até mandei uma foto que peguei na internet. O filho da puta nem podia se aguentar, só queria me encontrar. Descobri que ele só andava sozinho. Marquei pra vir me encontrar aqui. Achei que ele ia desconfiar e desistir. Eu tinha dito pra ele deixar o carro na quadra de cima e vir a pé. Deixei a porta entreaberta. Ele foi entrando devagarinho. E antes do filho da puta me ver, larguei a pá na cabeça dele.

Tá escorrendo sangue. Ainda não é muito, mas já tá fazendo sujeira. Não gosto de sujeira. Agora ele tá respirando suavemente. As cordas e o esparadrapo não atrapalham. Não coloquei uma venda nos olhos dele porque não vai precisar.

Quero mais é que eu seja a primeira coisa que ele vai ver. E a última lembrança que vai levar desta vida. Me sinto como um anjo exterminador. Pra vingar meu anjinho, minha menina.

Quase não acredito que estou aqui. Um dia tenho que contar essa história pra alguém.

O filho da puta se mexeu. Daqui a pouco ele vai acordar. E vai ver meu rosto na frente da cara dele. Devagarinho, os olhos dele se movem sob as pálpebras. Agora abre, arregala os dois olhos. Ele me vê. Se agita, tenta gritar, o esparadrapo impede. Vejo o horror refletido nos olhos dele.

– Não, não é um pesadelo... Vou explicar sem pressa, pra você entender e sofrer o porquê disso tudo. A gente vai acabar antes de amanhecer.



House at Dusk, 1935 – Edward Hopper

CASA AO CREPÚSCULO, 1935

Quase não acreditei quando vi aquele rosto estampado na revista ilustrada. Era a primeira vez que eu tinha notícia dele, desde nosso último encontro, meses antes.

A primeira vez que o vi foi no parque, num dia de verão, no fim da tarde. Achei que tinha sido casual.

Ele se apresentou: “Ed Hope, encantado!” Logo disse que sabia que eu morava na grande casa do outro lado da avenida, aos pés do bosque. Era

um homem maduro, parecia ter uns cinquenta anos. Simpático e gentil, não tinha nenhum atrativo especial, mas era levemente sedutor. Conversamos por alguns minutos. Então ele disse que eu estava linda naquele momento, iluminada pelos tons do crepúsculo. Ruborizei, ao mesmo tempo envergonhada e lisonjeada. Que garota não se sentiria assim?

Voltamos a nos encontrar no parque ao longo das semanas seguintes, sempre no horário do meu passeio, antes de anoitecer. Eu me sentia alvoroçada ao lado dele e ansiava por aqueles encontros.

Um dia, inesperadamente, ele me fez a proposta. Fiquei surpresa. A princípio desconfiada, hesitei por alguns momentos. Mas, na minha imaginação juvenil, achei um tanto excitante aquela ideia. E eu acreditava que estaria segura na minha própria casa. Se fosse no bosque, jamais concordaria.

Com o coração acelerado, quase saltando à boca, aceitei. Prometi fazer o que ele me pedia, sem revelar a ninguém. Acho que percebeu como eu estava excitada e sorriu com minha resposta, despedindo-se. E eu voltei para casa com os últimos raios de sol.

No dia seguinte, ao entardecer, em vez de sair para o passeio diário, fui para a janela do meu

quarto, no pavimento superior da casa. Ajeitei uma poltrona para ter a melhor visão do parque, no outro lado da avenida. Sentei aparentando displicência, mas, disfarçadamente, eu o procurava com o olhar. Esperava ansiosamente revê-lo, mesmo que de longe. Talvez ele estivesse sentado num banco, deitado na grama, debaixo de uma árvore ou conversando com o vendedor de pipoca. Observei o parque até onde meus olhos alcançavam, mas não o encontrei. Um pouco decepcionada, achei que ele não tinha vindo. Quando ficou escuro, desisti.

Nas tardes seguintes voltei à janela do quarto, com uma ansiedade crescente, que tinha dificuldades em disfarçar. Mexia-me inquieta na poltrona e me inclinava em direção à janela. Às vezes eu avançava o corpo sobre o parapeito para estender minha visão. Pensava que Ed poderia não estar no parque. Talvez estivesse sentado no balcão do Phillies, um café de esquina todo envidraçado. Mas a noite logo caía, eu fechava a janela e corria a cortina. Horas depois eu o reencontrava em meus sonhos.

No final da segunda semana, o clima mudou. O dia ficou nublado, o sol não apareceu. O entardecer transformou-se em noite precoce. Choveu forte. Durante três dias permaneci enclausurada, sem ao menos abrir a janela. E senti

falta da rotina dos fins de tarde junto à janela, iluminada pela luz do crepúsculo. Tudo que podia fazer era contemplar a chuva lá fora.

Os dias de sol voltaram. Mas, com o passar do tempo, me descobri sufocada dentro daquela casa enorme. Percorria os cômodos, sem ficar à vontade em nenhum deles. Meu próprio quarto me entediava: os tapetes pesados, as cortinas escuras, a mobília austera, a roupa de cama engomada, os armários repletos de roupas e adereços. As revistas de cinema não me distraíam mais. Era nos finais de tarde que eu me sentia melhor, quando ia para a janela e observava a vida lá fora. Mas Ed era minha esperança. Se o visse, desceria correndo, mesmo sem saber o que dizer a ele quando o reencontrasse.

O verão se foi. Com a mudança de estação, os dias se tornavam mais curtos, a noite vinha depressa. Mas eu ainda persistia junto à janela do quarto, na expectativa de rever Ed. Um dia, desalentada, tive um impulso de sair pela porta, subir a escadaria ao lado da casa e embrenhar-me no bosque. Quem sabe o que eu poderia encontrar? Logo afastei esse pensamento irracional. Afinal, bastava-me cumprir com aquilo que a vida destinava a uma garota com eu.

Foi num desses dias sem perspectivas que me deparei com a fotografia de Ed na revista.

Reconheci-o imediatamente, meu coração acelerou. A reportagem dizia que ele era um pintor de renome, com uma mostra individual no museu da Oitava Avenida. Alvorçada com a possibilidade de revê-lo, decidi ir à exposição na mesma tarde. Era a chance que eu tinha de, finalmente, reencontrá-lo.

Chamei um táxi e fui até o museu. Entrei no saguão e comprei o ingresso. Segui apressada para a sala da exposição. Percorri o ambiente sem dar atenção às telas. Procurei-o entre os visitantes que apreciavam as obras, em vão. Sem sucesso na busca, sentei-me desanimada em um banco.

Pensava no que fazer, quando reparei em um quadro quase à minha frente. A paisagem me pareceu familiar. Levantei-me e caminhei em direção ao quadro. À medida que me aproximava, reconheci a casa, a escadaria e o bosque pintados sobre a tela. Notei então o detalhe: havia uma jovem debruçada numa das janelas da casa, sentada à poltrona. Era *eu*. Parecia uma mulher aprisionada naquela mansão, em ansiosa espera.

A visão do quadro me chocou. Senti que Ed havia me enganado. Eu cumprira a promessa de aparecer à janela todos os dias ao final da tarde, para que ele pudesse me ver à luz do crepúsculo. Em retribuição, ele me pintara como uma tola prisioneira em minha própria casa, solitária e

impotente.

Então percebi alguém ao meu lado. Virei a cabeça e reconheci Ed, que me pareceu mais velho. “Olá! Fico feliz que tenha vindo”, disse ele calorosamente. Durante meses eu tinha querido revê-lo, mas só consegui ficar em silêncio, com uma expressão decepcionada. Acho que ele percebeu minha irritação com o quadro. Uma mulher elegante veio chamá-lo para uma entrevista. Antes de ir, me disse: “Lamento se o meu olhar não correspondeu ao que você esperava. Descubra o que você mesma não se permite ver.” Despediu-se de mim com um sorriso e acompanhou a mulher até o elevador.

Saí do museu indignada e tomei um táxi de volta. Enquanto atravessava a cidade, não consegui parar de pensar no quadro. Aquela imagem, como um recorte de minha vida, martelava na minha cabeça. Não queria voltar para casa e resolvi desembarcar do táxi, para seguir caminhando. Pedi ao motorista que me deixasse no parque. Ele ficou atônito quando lhe dei cem dólares e recusei o troco.

Perturbada e sem saber que direção tomar, comecei a andar a esmo pelo parque. Mais uma vez, a tarde se esvaía. As sombras e cores do crepúsculo começavam a iluminar a cidade. As primeiras lâmpadas se destacavam nos postes e no

interior das construções. Então vi minha casa do outro lado da avenida. Fiquei sobressaltada ao me dar conta de que estava no ponto de vista em que Ed pintara a tela.

Respirei fundo e observei a paisagem que já me era tão conhecida. Tentei rever os elementos do quadro com meu próprio olhar. Em primeiro plano, a casa com suas grandes janelas. Ao lado direito, a escadaria sob a luz do poste. Ao fundo, o bosque noturno e, acima de tudo, o céu que anunciava a noite. Mas nessa visão sinistra faltava o detalhe mais perturbador: *eu* não estava sentada à janela do meu quarto. O fantasma que eu havia visto na pintura desaparecera. Enfim tive a compreensão do sentido das palavras de Ed. E uma sensação de libertação.

De súbito, comecei a correr em direção à casa. Como que enlouquecida, cruzei as seis pistas da avenida em meio ao trânsito intenso. As buzinas dos carros me congestionavam os ouvidos e a mente. Ao chegar do outro lado, parei em frente à mansão imponente. As luzes internas acesas chamavam-me de volta ao meu mundo familiar. Olhei mais uma vez para a casa e tomei o caminho que seguia à direita. Subi a escadaria em passos rápidos, ofegante.

Com medo, mergulhei nas sombras do bosque, iluminada pelas cores do crepúsculo.

DIÁLOGO?

- **A**credite, vai doer mais em você do que em mim.
- ... !!!
- Mesmo que meu jeitão passe uma imagem diferente, te garanto que nunca tive esses pudores que alguns dos meus colegas têm.
- ... ???
- Não me olha desse jeito arregalado. Vou te explicar: faça o que tem que ser feito. Não me incomodo com sangue, cuspe, dente, mijó, merda, pentelho, pele, porra, essas coisas. Nada que um bom banho quente não resolva depois. Volto pra casa cheirando tão bem como quando chego aqui. Só me preocupa o risco de pegar alguma doença, mas pra isso tem jeito: uso uma proteção ou um instrumento. Ou os dois. A gente fica olho no olho, mas sem contato físico direto. Como você passou lá na Rua Tutoia antes de vir pra cá, já sabe mais ou menos como funciona. Ou não?
- ... ??
- O maior problema é com a roupa. Mas o uniforme de trabalho é lavado aqui mesmo, pra

não chamar atenção. Só o cheiro que não sai direito. Uma vez não deu tempo de trocar a roupa. Cheguei atrasado e vim direto pra cá, pra esta mesma cela. Naquele dia foi uma lambança geral. A roupa toda ficou imprestável, tive que jogar tudo fora. Você aí até tem sorte, peladão assim. Passa um pouco de frio, mas não precisa se preocupar em lavar nada. Só o corpo mesmo. Vai ver que é melhor assim. Até que arde, mas as feridas secam mais rápido.

– ... !!

– Hoje tô meio nervoso. Tá quase no fim do mês e o dinheiro já acabou. A patroa fica me enchendo o saco, toda hora levando meus trocados da carteira. Faço meu trabalho direitinho aqui, mas bem que podiam pagar melhor. Ninguém fica rico com salário de funcionário público. Mal dá pra pagar as contas.

– ...

– Antes eu trabalhava num açougue. O serviço até que é parecido, o material de trabalho também. Você vai ficar impressionado com minha perícia com as facas. Posso remover uma fatia de pele bem fina, com um mínimo de dano. Muito melhor do que esse cirurgião que dá expediente aqui. Aprendi isso tirando os nervos de carnes nobres. Mas tem uma coisa diferente no açougue: lá os bichos já chegam mortos. Aqui chega ainda vivo, a diferença

é só essa. E tem os gritos e a choradeira, mas já acostumei. Ah, lá eu ganhava menos, mas sempre dava pra levar umas peças de carne pra casa, na faixa. A mesa ficava bem servida, a patroa gostava. Daqui não posso levar nada. É o contrário, sempre tem que dar sumiço em tudo.

– ... !!!

– Bom, chega de conversa mole. Agora vou tirar essa bola de pano da tua boca, mas é pra dar o serviço de uma vez. Não gosto de perder tempo, não. Tua última chance é comigo.

– A... a...

– Toma essa porra de água aí duma vez! E antes de tu abrir o bico, um aviso. Só uma coisa me tira do sério: gente reticente. Quando começa assim, é caixão! Agora fala!

– E... eu nã... não ...

– Porra, odeio hesitação! Agora não reclama que não avisei ...!

– AAAAAAAiiiiiii...

A MALDIÇÃO

Pela maldição de Minerva, ela havia sido condenada à eterna solidão sexual. Qual homem, mulher, animal, ousaria se aproximar de ser tão repugnante em busca de sexo? Quem desejaria gozar e fazer gozar com aquela horrenda criatura? Por que aquele jovem se dispunha a tal desafio inglório?

Deitada sobre o leito, ela parecia impassível, rígida. Mas ele sentia que, dentro daquele corpo de mulher, algo quente pulsava e fluidos escorriam por aberturas e dobras internas. Não fosse assim, as víboras de sua horrenda cabeleira já teriam selado o fim dele. Como que inebriadas, as serpentes lânguidas e ofegantes eram a única evidência de que aquela donzela inerte buscava o prazer. Por isso, prosseguia.

Ele estava ali havia horas, com o corpo nu colado ao dela. Exausto, sentia sua virilidade se esvaír. Mas percebia que ela estava prestes a se entregar. Ele mantinha os olhos fechados, sem vê-la. Era a única maneira de não ser transformado em uma estátua de pedra. Ele podia apenas

imaginar as formas sensuais daquele corpo em suas mãos e a beleza indescritível do rosto, que tanto haviam enfurecido Minerva.

Antes de ser cópula, travavam um combate pelo prazer. Medusa, tenazmente, buscava afrouxar as amarras que a maldição lhe impusera. Relembrava sua beleza juvenil e seu poder de sedução. Tentava romper a rigidez inerte que a aprisionava e despertar pele, pelos e músculos para as infáveis sensações do deleite sexual. Não fora aquela maldição, ela teria compartilhado seu leito com devassidão.

Ele, por sua vez, vencera o horror e lançava mão de todo seu arsenal para despertar a sensibilidade atrofiada de Medusa. Carícias, beijos, lambidas, mordidas. Dedos, boca, língua, dentes, pênis. Toques leves e sutis, agarrões fortes, abraços envolventes.

Ele deslizou as pontas dos dedos sobre a pele nua dela, percorrendo lentamente o caminho que começava na nuca e serpenteava pelas costas até as nádegas e as coxas. Percebeu um leve frêmito, uma contração suprassensível. Depois mordeu levemente o pescoço, cravando suavemente os dentes com a sofreguidão de um vampiro sedento, enquanto acariciava com as mãos os seios firmes de mamilos intumescidos. Ouviu então o primeiro gemido, quase um sussurro, o

inconfundível som do prazer.

Prosseguiu, tentando encontrar a rota do deleite que suspendesse a privação de prazer imposta a Medusa pela maldição de Minerva. Tomou a cabeça monstruosa nas mãos e, entre as madeixas de serpentes, cobriu-a de beijos. Penetrou seus ouvidos com a língua, buscando despertá-la da hipnose terrível em que se encontrava. As víboras, em frenesi, deslizavam lascivamente sobre a pele nua de Perseu.

Ele mordiscou os mamilos excitados daquela mulher. Percorreu com a língua os contornos dos seios e o ventre que se contraía em convulsões. Demorou-se lambendo a parte interna das coxas retesadas. Fungava como uma fera, inspirando vigorosamente o cheiro de sexo sublimado das profundezas femininas. As pernas, então, se relaxaram, abrindo caminho para sua incursão final.

Umedeceu com a língua a vagina ainda inerte. Tocou-a com os dedos, deslizando-os em movimentos rítmicos. Ouviu um novo gemido arrancado das profundezas. Beijou-a com vagar, lábios pressionados contra lábios, saliva e fluido misturando-se. Boca e vulva convulsionavam-se em prazer.

Por fim, sentiram o irrefreável desejo. Ele a penetrou. Ela, finalmente liberta, o acolheu. Por

um tempo indefinido, carne com carne, mergulharam juntos nas sucessivas ondas de deleite. Até que a última grande onda, torrencial, recobriu todos os seus vãos corporais de delírio e esgotamento. E as serpentes desvaneceram-se em madeixas inofensivas.

Perseu soube, então, que poderia abrir os olhos, enquanto ela não acordasse. Levantou-se e pegou a espada que deixara ao lado do leito. Ergueu a arma e, com um lamento, fechou os olhos. E soube que jamais experimentaria novamente prazer igual.

O fio da lâmina rompeu a pele macia do pescoço de Medusa enquanto as serpentes despertavam iradas do sono do prazer.

POESIA

O FUNDO DO MAR

No imensurável da escuridão,
Eu vi teus olhos.

Guiando-me para superfície,
Mil estrelas do mar,
Cintilantes,
De escuro azul profundo.

Uma luz fraca escapava
Das minhas estranhas
E polvos trituravam minha cabeça.

Jamais
Aqueles flores, caindo vagarosas,
Floresceriam ali,
Onde o infinito azul ondulava.

Ele, o peixe, olhou-me,
Abissal.
Bolhas, barulhos.

Ouça:

São os camarões se alimentando das fezes
Dos maiores.

O oxigênio,
em bolhas, estoura na superfície –
Como a tumba do sonho do pirata.

É o fim.
Escamas podres dançam sobre uma concha.

Texto coletivo: Carmina Silotto Vives Reñones, Carolina Alves Pacheco, Corina Tuyama Gerassi, Hillary da Silva Cardoso, João Rodrigues Peralta, José Augusto Gomide Marta e Silva, Luiz Carlos João Filho, Mario Rodolpho Sanjuan Barbosa, Nicolás Rossi Haverroth, Robert Willecke, Victor Toth Uehara, Bruna Ramos Pavesi e Emilie Vollmann.

O CEMITÉRIO

A plenitude banha o silêncio –
Ossos refletem o lugar.

O céu, um túmulo,
Espiaava escuro e envelhecido
O sistema digestivo apodrecendo as covas.

As flores murcham sobre o mármore,
Árvores se misturam às lápides,
Cinzas.

Na cruz mais alta,
Gatos e corvos disputam espaço.

Pelos cadáveres,
Os urubus oram.
Pelas frestas da terra, vermes corcoveiam.

Há costelas expostas nas cinzas do fim do dia.

Minha amada, triste, jazia
No topo da colina próxima

Deitando da boca fumaça cósmica,
Adormecida.

Texto coletivo: Carmina Silotto Vives Reñones, Carolina Alves Pacheco, Corina Tuyama Gerassi, Hillary da Silva Cardoso, João Rodrigues Peralta, José Augusto Gomide Marta e Silva, Luiz Carlos João Filho, Mario Rodolpho Sanjuan Barbosa, Nicolás Rossi Haverroth, Robert Willecke, Victor Toth Uehara, Bruna Ramos Pavesi e Emilie Vollmann.

